



Apresentação

A GRANDE DEFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA SOBRE OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

Fernanda Santiago

Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal da Bahia
E-mail: santiago.cientistasocial@gmail.com
:

Maurício Caviedes

Professor na Universidade Federal da Bahia
<https://orcid.org/0000-0001-6268-3837>
E-mail: mauriciocaviedes2009@gmail.com

Independente dos debates em torno do subcampo “Antropologia do Desenvolvimento” ser novo ou não, o que a contemporaneidade vem mostrando é a necessidade das diferentes áreas do conhecimento se voltarem para as demandas urgentes da sociedade e diria, da vida humana como a

conhecemos hoje. As mudanças climáticas, as diferentes e nem sempre novas formas de exploração de pessoas e dos “recursos naturais” (com aspas porque essa nomenclatura por si só já é uma questão a se debater), tem se colocado como questões fundamentais a serem investigadas. Os custos do desenvolvimento vêm sendo pagos por um grande grupo de pessoas e os resultados positivos tem ficando com o outro grupo, um ínfimo grupo de pessoas.

O estudo antropológico e etnográfico dos efeitos desses grandes empreendimentos questiona o “desenvolvimento” como projeto da humanidade, a partir das vidas de comunidades e grupos atingidos por ela. Esse questionamento pode ter inspiração na crítica do discurso político e econômico do desenvolvimento. Pode ter inspiração na história crítica das comunidades atingidas, nos modelos coloniais, nas respostas contra-coloniais e inspiração na etnografia das economias locais, ou até mesmo a sua relação com as dinâmicas nacionais e locais. Ou pode ainda, ter inspiração na análise das ontologias e epistemologias comunitárias. Não se trata de deslegitimar a necessidade humana em buscar melhorias para um bem viver, o ponto chave é se esse bem viver está sendo considerando de forma holística e quem poderá acessá-lo. Essa proposta parte do reconhecimento da relevância do tema e da pouca disseminação das publicações sobre o assunto.

Entre os textos publicados neste Dossiê, o leitor vai encontrar uma diversidade de perspectiva e locus de investigação. A partir de um manuscrito coletivo, as pessoas responsáveis pela autoria do trabalho “*Un río Cauca, muchos mundos: Transitando la paz territorial pluriversal*” debatem questões como transformações produtivas e políticas eco-ontológicas entre comunidades negras – rurais e urbanas – na Colômbia. No caso do artigo “*Vueltas y amarres del suelo y la historia o por qué las formas del mundo nos muestran la forma del tiempo*”, o autor compartilha os ensinamentos de indígenas e camponeses colombianos sobre suas formas de experienciar a vida na terra. Já no artigo “*Belo Monte: histórias de acelerações e inícios*”, os autores fazem uma reflexão sobre a

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte a partir de seus impactos e do protagonismo indígena.

O relato *“Vendedoras (es) de ervas e de banhos do ver-o-peso (PA): relatos e experiências”*, apresenta uma rica descrição das tradições em torno das(os) erveiras(os) no mercado de ver-o-peso no estado do Pará. O ensaio, *“Fotoetnografia no Abacatal/PA: território, identidade e conflitos socioambientais.”* apresenta o dia a dia dos moradores do Quilombo do Abacatal que fica localizado em Ananindeua, no estado do Pará, em torno da sua religiosidade, formas de vida, identidade e relação com a terra. A edição conta com um ensaio que atinja os sentidos do expectador, em *“O enfrentamento pela autenticidade na cultura alimentar afro-indígena no Mercado Municipal Maria Virginia Leite Franco”* o leitor é transportado para um mercado. A exposição das fotos transmite todas as cores, cheiros e sabores do local. E por fim, uma **entrevista** realizada com o professor **Juan Carlos Skewes** onde o mesmo apresenta a sua perspectiva sobre a contribuição e história da antropologia, além de demonstrar a sua atuação acadêmica e política como antropólogo.

Nesse sentido, buscamos colaborar para o despertar do interesse sobre as discussões aqui presentes e para fomentar novas pesquisas que possam apresentar novos caminhos para pensar o desenvolvimento como algo possível e equânime.

Salvador, 03 de março de 2025.